

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes
Licenciatura em Educação Artística - Cênicas

**A LEITURA DRAMÁTICA E O SOCIAL – APLICAÇÃO DA LEITURA
DO TEXTO “O MENDIGO OU O CACHORRO MORTO” DE BERTOLT
BRECHT EM OFICINA PARA ADOLESCENTES QUE SOFREM COM
A OPRESSÃO**

Ivaneide Silva da Frota

Cruzeiro do Sul / Acre
2012

Ivaneide Silva da Frota

**A LEITURA DRAMÁTICA E O SOCIAL – APLICAÇÃO DA LEITURA
DO TEXTO “O MENDIGO OU O CACHORRO MORTO” DE BERTOLT
BRECHT EM OFICINA PARA ADOLESCENTES QUE SOFREM COM
A OPRESSÃO**

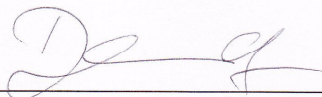
Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Arte Cênica, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Apresentado como requisito para a Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a orientação das Professoras Dhenise de Almeida Galvão e Paula Renata da Rocha e Sallas.

IVANEIDE SILVA DA FROTA


**A LEITURA DRAMÁTICA E O SOCIAL – APLICAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO
“O MENDIGO OU O CACHORRO MORTO” DE BERTOLT BRECHT EM OFICINA
PARA ADOLESCENTES QUE SOFREM COM A OPRESSÃO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Dhenise de Almeida Galvão.

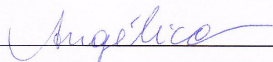
Cruzeiro do Sul-AC, 06 de dezembro de 2012.



Professora Mestre Dhenise de Almeida Galvão



Professor Doutor César Lignelli



Professora Mestre Angelica Beatriz Souza e Silva

Ao Projeto Vida Nova, onde encontrei um ambiente acolhedor, e fui recebida com muito carinho e atenção. Em especial, às educandas, que tive a oportunidade de conhecê-las melhor e que muito me ensinaram nessa luta incessante pelo direito de ter uma vida social mais justa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e Principalmente, ao meu grande mestre, Deus, por vencer esta importante etapa na minha vida.

À minha família, que me apoiou durante todo o curso e que sempre me deu palavras de incentivo.

Ao meu filho Gabriel, que tanto sofreu com minha ausência na elaboração dessa monografia, e é o grande motivo para eu não desistir.

Aos colegas de curso, pelas sugestões e apoio,

À Professora Paula Renata Rocha e Sallas e Ulians, pelas orientações nesta monografia.

À professora Graça Oliveira, uma nova amiga que me ajudou muito nas correções e que me suportou durante esses últimos meses.

Em especial, à Professora Dhenise de Almeida Galvão, com a qual muito pude aprender e que sempre acreditou, apoiou e me incentivou neste trabalho.

Aos meus colegas de trabalho, que tiveram paciência, me proporcionando um tempo livre para meus estudos

Aos meus amigos, que me compreenderam quando não estava disposta e aos demais colegas que de alguma forma contribuíram para a realização deste TCC.

RESUMO

Este trabalho aborda a leitura dramática usada como ferramenta social com a proposta inicial de ajudar adolescentes vítimas de opressão, levando-as à tomada de consciência e à autonomia. São observados aspectos da peça “O mendigo ou o cachorro morto”, de Bertolt Brecht, trabalhada na oficina. O trabalho também analisa ideias da obra do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, que apresenta o teatro como veículo de libertação. Objetiva-se com isso mostrar como a Leitura Dramática pode ajudar adolescentes que sofrem com a opressão.

PALAVRAS-CHAVES:

Leitura Dramática; Teatro do Oprimido; Opressor; Oprimido; Conscientização; Autonomia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada da instituição -----	21
Figura 2 – Área de lazer -----	21
Figura 3 – Sede e salão da instituição -----	22
Figura 4 - Início das apresentações -----	25
Figura 5 – No camarim com as educandas -----	26
Figura 6 – Encenação da peça -----	27
Figura 7 – Encenação -----	28
Figura 8 – Encenação -----	30
Figura 9 - Lembrança de encerramento da oficina-----	31
Figura 10 – Confraternização de encerramento-----	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1: A LEITURA DRAMÁTICA	13
1.1 Brecht e Sua Função Social	14
1.2 Augusto Boal e o Teatro do Oprimido	17
CAPÍTULO 2: O CONTEXTO DA PESQUISA	20
2.1 Cruzeiro do Sul, a Capital do Juruá	20
2.2 Projeto Vida Nova, o Lócus da Pesquisa	21
CAPÍTULO 3: A PESQUISA EM AÇÃO	23
3.1 O Mendigo ou o Cachorro Morto	23
3.2 A Oficina de Leitura Dramática	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	37
A obra “O mendigo ou o cachorro morto” de Bertolt Brecht	37
Plano de trabalho	42
Questionário 1 – Respondido pela educanda	46
Questionário 2 – Respondido pela educanda	47
Questionário 3 – Respondido pela educanda	48
Questionário 4 – Respondido pela coordenadora interna	49
Questionário 5 – Respondido pela psicóloga	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de um estudo acerca dos benefícios que a leitura dramática pode trazer para a vida do oprimido, ou seja, aplicação da leitura dramática da peça “O Mendigo ou o Cachorro Morto”, de Bertolt Brecht usada como ferramenta social. Inicialmente, propõe-se contribuir para uma tomada de consciência e autonomia de adolescentes em situação de risco social.

Em geral, quando se fala em leitura dramática, muitas pessoas pensam somente em um texto teatral lido em voz alta, no entanto, a questão não é tão simples assim. Ela envolve recursos cênicos, escuta, expressão vocal, expressão corporal e facial. Favorece a compreensão, reflexão e interpretação dos textos teatrais abrangendo diversos temas, além de incentivar o hábito de ler.

O objetivo inicial que se pretende com este trabalho é mostrar como a Leitura Dramática de texto politizado pode favorecer os adolescentes que sofrem com a opressão, conscientizando-os a reavaliação de seus comportamentos e valores. Além disso, tem-se a intenção de apresentar o lúdico como forma de ajudá-los em uma nova maneira de ver o mundo, estimulando-os a serem mais críticos diante da sociedade. Por isso, o foco da oficina foi a leitura dramática do texto “O Mendigo ou o Cachorro Morto”, de Bertolt Brecht, que é uma obra de transformação e inserção social.

Esta pesquisa vai ao encontro da visão de Augusto Boal, que utiliza o teatro como veículo de libertação dos oprimidos. Com essa ideia, ele cria o conceito de Teatro do Oprimido, nele, a primeira opressão quebrada é a diferença entre ator/espectador. Para isso o espectador deve interagir diretamente com a cena. Seus jogos, técnicas e exercícios estimulam o pensamento sobre as maneiras de autoridade e submissão de todos que se enquadrem na categoria de oprimido, estimulando a qualidade emocional que há em cada um que sofre algum tipo de opressão.

Está também de acordo com Felipe Severo na revista “O viés”, 2011, em que afirma:

A opressão está em todos os lugares e em todos os níveis da nossa sociedade, na igreja, na família, no trabalho, na escola, entre outros. E cada oprimido pode ser opressor também, pois aquele homem que se sente oprimido, ao mesmo tempo, pode ser o opressor, gerando uma cadeia de opressões. O oprimido sempre irá se revoltar

contra o mais fraco e não contra o opressor. (SEVERO, 2001)¹

Nesse caso, pode ser uma falta de reflexão por parte daqueles que são explorados, ou falta de consciência sobre sua própria submissão.

O interesse em usar a leitura dramática como ferramenta social surgiu durante os estágios do curso de artes cênicas, no convívio com as escolas da rede estadual de ensino, principalmente pelo fato de lá existirem muitas crianças e adolescentes em situação de risco social. A motivação em desenvolver o projeto que resultou neste trabalho deve-se ao fato de acreditar que o teatro pode favorecer as pessoas a uma mudança de atitude perante as dificuldades da vida. Com a realização do projeto é possível mostrar que o teatro pode mudar a realidade vivenciada pelos jovens, transformando-os e incluindo-os novamente na sociedade, levando esses jovens a reencontrarem sua identidade.

O teatro do oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!” – disse Marx, com admirável simplicidade. (BOAL, 2008, p. 19)

Tomando-se por base essas ideias, pode-se conceber o teatro do oprimido como ação transformadora, tanto do indivíduo como da sociedade. É a arte teatral usada a serviço das classes menos favorecidas.

Na oficina foi trabalhada a questão da inibição, a integração com o grupo, a criticidade, além do aprimoramento da leitura, a compreensão dos textos e a percepção de outra maneira de ver o mundo. Além disso, teve-se a intenção de desenvolver o gosto pelas artes cênicas nas escolas e também de formar adolescentes críticos. Em seu Artigo “Encenar e Ensinar – O Texto Dramático na Escola”, Rosemari Bendlin Calzavara confirma isso, quando afirma que:

O jogo faz parte da aprendizagem e constitui valioso instrumento para a aquisição de conhecimentos. Recorrente na história do pensamento educacional as origens desse

¹ Disponível em <http://www.revistaovies.com/reportagens/2011/06/um-teatro-para-libertacao>, Um Teatro para libertação. Acesso em 04.05.2012

princípio podem ser buscadas desde Platão e Aristóteles que atribuem grande importância ao lúdico enquanto fator de equilíbrio físico e emocional para o crescimento do ser humano. Nas práticas educativas contemporâneas o brincar, o inventar e o criar vêm recebendo uma atenção especial em que diversão e ensino formam uma dicotomia que pretende o sucesso da aprendizagem. Nesse sentido o jogo é uma das peças mais importantes para a solução de problemas de ordem pedagógica, e cada vez mais ele está sendo elevado à categoria de fundamento de método de ensino. (CALZAVARA, 2009, p. 151)

O projeto teve início no dia 28 de Abril de 2012, durante o Estágio Supervisionado IV. Foi desenvolvido na instituição chamada Projeto Vida Nova, uma instituição de prevenção, proteção e recuperação, para 06 adolescentes femininos de 12 a 20 anos em situação de risco social, ou seja, exploração e violência sexual, usuárias de drogas, violência familiar, entre outros. Lá, são atendidas jovens de Cruzeiro do Sul e de municípios vizinhos, seringais e ramais do Vale do Juruá. Faz parte da Fundação Assistencial e Educacional Betel e Petrobrás; conta também com vários outros parceiros. Na descrição da oficina, será omitido o nome real das educandas. Assim, para preservar sua identidade, serão usados nomes fictícios.

Foi trabalhada a leitura dramática do texto “O Mendigo ou o Cachorro Morto”, de Bertolt Brecht. Obra escrita após a Primeira Guerra Mundial, entre 1919 e 1920, período em que a Alemanha passou por uma séria crise econômica e social. Uma problemática que afetou diretamente a vida das pessoas e repercutiu em diversas partes do mundo. Esse foi o contexto histórico em que Brecht escreveu essa peça. Assim, ela serve não apenas para entretenimento, mas também como um alerta para a sociedade.

Essas informações prévias são importantes para que o leitor ou espectador possa se contextualizar ao momento histórico em que a obra foi escrita e assim possa compreender as mensagens que o autor quis passar e também porque sem esse aprofundamento, seria a simples leitura de uma peça.

A escolha por esse texto deve-se ao fato de ele ser uma obra que gera bastante questionamento, cada um pode interpretar essas mensagens à sua visão, provocando interesse, tocando o espírito humano e suas identificações com os personagens. Além de ser uma peça que é uma mensagem de alerta para a sociedade, através dela, as pessoas podem se posicionar, expressar o que não gostam, o que acham que não esteja certo, o que mudariam. Pois, partindo do ponto de que, quando o adolescente vivencia momentos de alegria, de

descontração, de atividades recreativas, como leitura de textos dramáticos, dinâmicas de grupo, rodas de conversas, dramatizações, entre outras; o grupo desencadeia o sentimento de pertencimento. “Usando drama como método de ensino, o professor assume papéis e/ou personagens com o objetivo de interagir com os alunos em contextos diversos, utilizando diferentes códigos linguísticos para desafiar posturas, ações e atitudes.” (CABRAL 2006, p. 19)

A coleta de dados foi feita através da observação participante, ou seja, as informações e impressões foram colhidas a partir de um envolvimento interativo com as alunas e também baseadas na leitura de documentos e questionários. Tudo isso permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial, o que facilita a identificação, compreensão e análise do objeto em estudo. Resultados de entrevistas também farão parte integrante dos instrumentos de pesquisa, mas refere-se à entrevista informal, que se assemelha a uma conversa, na qual as educandas participam à vontade para falarem sobre o assunto em foco. Em complementação à entrevista informal, serão utilizados dados resultantes de debates com a turma enfocando o assunto. Dessa forma, a opinião das alunas poderá ser mais bem investigada e analisada. Além desses instrumentos de coleta de dados, a análise de documentos da instituição e material gráfico também contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

Para a elaboração deste trabalho e elucidação da proposta aqui apresentada serão usados conhecimentos baseados na peça “O Mendigo ou o Cachorro Morto” e na obra “Estudos sobre Teatro”, de Bertolt Brecht. A obra “Teatro do Oprimido” e outras poéticas políticas, de 2005, de Augusto Boal também irão subsidiar esta pesquisa por se tratar de um livro que tem como objetivo principal a transformação social, pessoal e também política e que pode ser usado por todos que se enquadrem na categoria de oprimidos. Além desses, as obras “Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática”, de 1996 e “Pedagogia do Oprimido”, de 1987, de Paulo Freire e “Drama como Método de Ensino” - Col. Pedagogia do Teatro, de 2006, de Ângela Vieira Cabral também contribuem como referencial teórico.

Os procedimentos metodológicos aqui aplicados são com base na abordagem teórica e prática, na qual são analisadas as obras acima mencionadas, todas voltadas ao tema proposto e investigadas a pertinência de sua aplicabilidade no contexto das educandas do Projeto Vida Nova, bem como de jovens que se encontrem na mesma situação. Pois desde o princípio, a ideia que se teve ao usar essa peça, foi a de tomada de consciência, por parte daquele

adolescente que se sente oprimido e não consegue se libertar, não se sente desafiado a lutar por seus direitos. Além do que, aquele que se sente oprimido pode também ser um opressor, pois o oprimido nunca se volta contra seu opressor, mas volta-se para uma pessoa mais fraca, gerando uma cadeia de opressões. Então, é necessário que atividades dessa natureza sejam realizadas, para tentar romper com essa cadeia negativa na nossa sociedade. “O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações.” (FREIRE 2008, p. 93)

A estrutura do trabalho apresenta-se da seguinte forma: O primeiro capítulo traz conceitos teóricos sobre a leitura dramática, bem como os benefícios de sua utilização em grupos. Serão incluídos dois tópicos. Um apresentando a função social dos textos de Bertolt Brecht. Nos quais ele coloca em pauta a luta de classes, nunca de certeza absoluta, sempre buscando a contraposição de ideias. É dado especial atenção ao fato de suas peças levarem o espectador a refletir sobre os personagens, por isso representam uma renovação na dramaturgia. Na sequência, faz-se uma análise sobre as ideias do “Teatro do Oprimido”, de Augusto Boal. O estudo defende que o teatro deve aliar-se à ação social. Em sua proposta aquele que assiste envolve-se à ação de tal forma que chega a fazer parte dela, envolvendo-se, improvisando, numa troca mútua entre enredo, contexto, escritor, poeta e espectador.

O segundo capítulo, o contexto da pesquisa, versa sobre o pano de fundo no qual foi realizado o estudo que deu subsídios para este trabalho. Inicialmente, contextualiza-se a pesquisa à cidade de Cruzeiro do Sul, a Capital do Juruá. É dado enfoque ao desenvolvimento educacional do município, realçando um pouco sobre a cultura do local. Em seguida, faz-se necessário trazer algumas informações sobre o local onde foi realizada a pesquisa de campo, o Projeto Vida Nova, uma instituição de prevenção, proteção e recuperação de adolescentes do sexo feminino com idade entre 12 e 20 anos em situação de risco social.

O terceiro e último capítulo é o foco do trabalho, é a pesquisa em ação. Nele, é apresentada a peça “O Mendigo ou o Cachorro Morto”, de Bertolt Brecht. Apresentando o fator histórico que influenciou de forma relevante o enredo dessa obra. Nesse capítulo, são deixadas bem claras as intenções de Brecht ao escrever essa peça, não apenas para entretenimento, mas também como um alerta para a sociedade. Nesse capítulo, tem-se todo o desenrolar da oficina e as impressões que se teve durante a sua prática.

CAPÍTULO 1: A LEITURA DRAMÁTICA

Como já foi mencionado anteriormente, a leitura dramática é uma peça de teatro lida em voz alta para uma plateia, isso em grosso modo, pois a leitura dramática vai muito além, ela permite um aprofundamento em recursos cênicos, principalmente na expressão vocal, expressão corporal e facial. Trabalha a compreensão, revelação, reflexão e interpretação dos textos teatrais com diversas temáticas, além de um convite ao hábito de ler de forma prazerosa.

É correto afirmar que a utilização da leitura dramática em um grupo é uma forma de levar os participantes a “encontrarem seu lugar no mundo”. Esse tipo de leitura grupal possibilita a manifestação de sentimentos que se alternam, externando prazer, raiva, indignação, admiração, medo, entre tantos outros que podem provocar durante a leitura. Isso leva o jovem a repensar sua vida por diversos motivos e, à medida que a leitura avança, este processo vai se intensificando pelas faltas, pelas dores, pelas necessidades apresentadas pelos personagens que o adolescente se identifica, assim vai revendo seus diversos papéis sociais. “Teatro é transformação, movimento e não simples apresentação do que existe. É tornar-se e não ser.” (BOAL 2008, p. 66)

Qualquer pessoa envolvida com o ensino, em especial, na área das Ciências Humanas sabe do importante papel social que a literatura exerce desde os primórdios da invenção da escrita. Rosemari Bendlin Calzavara confirma isso ao mencionar que

A literatura tem como propósito levar o homem a conhecer a si mesmo, a conhecer o mundo, a reconhecer a sua relação com os outros e com o meio no qual está inserido. Ampliar esse universo através do conhecimento dos gêneros literários é reconhecer a importância de que forma e conteúdo são significantes na arte literária. O estudo e investigação da leitura do texto dramático nos vários níveis de escolarização é extremamente relevante, tendo em vista que este gênero desde a antiguidade clássica permeia a vida social e comunitária do ser humano. (CALZAVARA, 2009, p. 149)

Assim como um espetáculo teatral necessita de uma direção e de cuidados em sua apresentação, como o uso de trajes adequados e até mesmo de cenário, iluminação e trilha sonora. O espetáculo cênico envolve uma boa estrutura de pessoas e também de material,

abrangendo, assim, o quesito leitura dramática que, de acordo com o Dicionário de Teatro, conceitua-a como:

Um gênero intermediário entre a leitura de um texto por um ou vários atores e a espacialização ou encenação deste texto, a leitura dramática usa alternadamente os dois métodos. Ler um texto dramático não é simplesmente seguir ao pé da letra um texto como se leria um poema, um romance ou um artigo de jornal, a saber, ficcionalizar ou criar um universo ficcional (ou um mundo possível). A leitura do texto dramático pressupõe todo um trabalho imaginário de situações dos enunciadores. Que personagens? Em que tempo e lugar? Em que tom? Todas elas perguntas indispensáveis à compreensão do discurso das personagens. (PAVIS, 1947)

1.1 Brecht e Sua Função Social

Conforme o diretor de teatro Luiz Fernando Lobo², Brecht nasceu na Alemanha, no dia 10 de fevereiro de 1898. Nasceu e viveu em tempos negros; passou por muitas dificuldades, percorrendo vários países, o que dificultou a adaptação com a língua. Entretanto, apesar de todos os sofrimentos e perseguições e, ou talvez por causa deles, Bertolt Brecht nunca deixou de escrever, já que na escrita ele externava tudo o que sentia. Assim, escreveu de tudo, teatro, roteiro de cinema, poesias.

Logo que findou a guerra, retornou para a Alemanha, sabendo que esta não seria mais a mesma. Não durou muito tempo para que criasse sua companhia de teatro chamada Berliner Ensemble, na qual pode colocar em prática seu trabalho, sua arte. E em 1954, consegue um teatro próprio, e faz sua primeira grande viagem pela Europa. A partir daí Bertolt Brecht passa a ser um dos nomes mais importantes da arte do século XX.

Gerd Bornheim, em seu livro Brecht: a estética do teatro (1992:65), explica que a peça O mendigo ou o cachorro morto começou a ser escrita, provavelmente em 1919, e foi apresentada em um momento de grande produção teatral do autor. Bornheim destaca a aproximação da linguagem desta peça com o teatro do absurdo³ de Ionesco, mas salientando a importância do “caráter de crítica social” que define O mendigo ou o cachorro morto. Essa peça, que mantém presente o forte plano de realismo social, já começa a prever a inserção da

² Disponível em <http://www.multy.com/homem/bertolt.htm>, “Quem é o Sr. Bertolt Brecht?” Acesso em 14/11/2012

³ Em seu livro, Bornheim apresenta alguns estudos que comparam a linguagem do "jovem Brecht" com a estrutura do teatro do absurdo, em oposição à forte influência que o naturalismo e o expressionismo alemão exerciam sobre o teatro daquele período.

problemática da luta de classes e das principais funções que o teatro brechtiano atinge, como o efeito de distanciamento, a linguagem dialética, a influência do marxismo e o teatro épico, que, segundo Bornheim, tem sua inauguração em 1931, com o texto Mahagonny (id: 139).

Adaptado do artigo “Na praça, entre o mendigo e o cão morto” publicado em 2010 por Fátima Lima⁴, lê-se que a teoria Brechtiana mantém seu próprio método entre dois teatros, nas figuras das peças épicas e didáticas. Os dois teatros que Bertolt Brecht apresenta é o Épico, que trabalha o espectador, utilizando uma comunicação direta entre o ator e o espectador e que também são usados textos que falam dos conflitos sociais para chamá-los a atenção, levando o espectador a participar e a criticar, e o Didático que é para o ator, que ele possa levar o espectador a refletir. As peças épicas afirmam a necessidade de corrigir e transformar o mundo; as didáticas, de corrigir e transformar cada indivíduo. “Porém, e é ainda Hegel que afirma, o drama, como qualquer outra arte, é “o luzir da verdade através dos meios sensoriais de que dispõe o artista”. (BOAL 2008, p. 129)

No Teatro Épico há um distanciamento entre personagem e espectador, é um teatro diferente dos tradicionais, é narrativo e que vem sempre com peças cujo temas são polêmicos com diferenças sociais, para que assim desperte a crítica do público, levando o espectador a captar todas as formas de injustiça e de opressões.

A raça, classe, sexo ou idade dominada sofre a mais constante, diária e onipresente repressão. A ideologia se torna concreta na pessoa do dominado. A sociologia e a política se tornam psicologia. Não existe opressão do sexo masculino “em geral” contra o sexo feminino “em geral”. Existe a opressão concreta de homens (indivíduos) contra mulheres (indivíduos). (BOAL, 2008, p. 228)

Bertolt Brecht usava suas obras para trazer ao palco a luta de classes, nunca de certeza absoluta, sempre buscando a contraposição de ideias. Suas peças levavam o espectador a refletir sobre os personagens, por isso representam uma renovação na dramaturgia. Nelas, tinham sempre como temas centrais a busca pelo poder, pelo dinheiro, pelo alimento, ou seja, uma característica forte pela provocação.

⁴ Disponível em <http://blogdaotima.wordpress.com/2010/06/02/na-praca-entre-o-mendigo-e-o-cao-morto/>. Acesso em 20/11/2012.

No artigo “Teatro Épico⁵”, encontram-se as ideias propostas por Brecht na obra “Estudos sobre o Teatro⁶”. Lá ele trata sobre o efeito de estranheza e do distanciamento.

Brecht propõe um afastamento entre o ator e a personagem e entre o espectador e a história narrada para que, de uma forma mais real e autêntica, possam fazer juízos de valor sobre o que está a ser representado. O ator deve, lucidamente, saber utilizar o "gesto social", examinando as contradições da personagem e as suas possíveis mudanças, que lhe permitam acentuar o desfasamento entre o seu comportamento e o que representa. Isto permite ao público espectador uma correspondente distanciação à história narrada e, sequentemente, uma possível tomada de consciência crítica, aprendendo o prazer da compreensão do real, a sua situação na sociedade e as tarefas que pode realizar para ser ele próprio. (In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012)

Com base nisso, entende-se que Brecht afirma que as contradições e possíveis mudanças no comportamento das personagens devem vir demonstradas claramente no 'gesto social'. Isso leva o espectador a uma tomada de posição crítica, ao deleite da compreensão do real e a uma conscientização de sua cidadania.

Luiz Fernando Lobo,⁷ afirma que Bertolt Brecht sempre foi criticado e perseguido, no entanto, o que se pode afirmar é que ele lutou durante toda a sua vida pelos oprimidos. Uma luta longa e difícil, que só terá fim quando não mais existirem classes sociais diferentes.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2005, p. 34)

Brecht morreu aos 58 anos, no dia 14 de agosto de 1956, mas seu nome e sua luta continuam vivos enquanto suas peças e ideias continuarem sendo utilizadas.

⁵ Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$teatro-epico](http://www.infopedia.pt/$teatro-epico) . Acesso 27/11/2012

⁶ Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/68907305/BRECHT-Bertolt-Estudos-Sobre-Teatro>. Acesso em 10/09/2012

⁷ Disponível em <http://www.multy.com/homem/bertolt.htm>, “ Quem é o Sr. Bertolt Brecht?” Acesso em 14/11/2012

1.2 Augusto Boal e o Teatro do Oprimido⁸

No Brasil, a ideia de Brecht foi retomada por Augusto Boal, com o teatro jornal⁹. Segundo informações do Professor Lindomar (vide nota de rodapé), Augusto Pinto Boal nasceu no Rio de Janeiro em 1931, autor, diretor, e teórico, Boal é uma referência ao teatro brasileiro. Principalmente através das ideias revolucionárias perante as injustiças sociais, a repressão e a censura dos anos de 1970.

Na educação brasileira, o educador Paulo Freire trouxe à tona esse tema. Em seu livro, “Pedagogia do Oprimido”, ele afirma que:

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 2005, p. 33)

Para Boal, segundo o Professor Lindomar, teatro é ação, e mesmo que não seja revolucionário precisa ser ensaiada essa revolução. Boal denominou esse teatro de “Teatro do Oprimido”, isto porque alia teatro à ação social. Sua proposta é envolver aquele que assiste à ação e que ele venha a fazer parte dela, experimentando mudanças e libertando-se da condição passiva de espectador. Dessa forma, uma das características desse tipo de teatro é o improviso, já que o espectador passa de um momento para outro da passividade à ação, e nesse momento ele precisa improvisar, envolver-se mais e mais com o enredo. Nesse contexto, escritor, poeta e espectador se envolvem de tal forma, numa troca mútua, ocorrendo verdadeira simbiose.

O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de luta! É o teatro DOS oprimidos, PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos e PELOS oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se

⁸ Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/teatro-interativo/>, por Professor Lindomar. Acesso em 14/11/2012

⁹ Esta técnica foi muito utilizada na época da ditadura militar brasileira, para revelar informações distorcidas pelos jornais da época, todos sob censura oficial. Ainda hoje é usada para explicitar as manipulações utilizadas pelos meios de comunicação. [Bárbara Santos] Disponível em <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-jornal/>. Acesso em 13/12/2012.

retira o direito à existência plena. (BOAL, 2008, p. 30)

É interessante ressaltar que não é difícil esse envolvimento do espectador com o teatro do oprimido, visto que as situações abordadas são do seu dia-a-dia. É como se fosse um roteiro criado a partir da sua vida, do seu convívio social. Já que esse tipo de teatro aborda os problemas políticos e sociais vivenciados pela sua comunidade, dessa forma, o próprio espectador antever as próximas cenas, as possíveis ações coletivas e os encaminhamentos.

Como o personagem se parece a nós mesmos, como indica Aristóteles, nós vivemos, vicariamente, tudo o que vive o personagem. Sem agir, sentimos que estamos agindo; sem viver, sentimos que estamos vivendo. Amamos e odiamos quando odeia e ama o personagem. (BOAL, 2008, p. 75)

Boal publicou “Teatro do Oprimido” nos anos de 1970.¹⁰ É uma obra que reúne uma série de artigos publicados. Uma verdadeira coletânea que engloba as ideias desse teatrólogo sistematizada em exercícios, jogos e técnicas teatrais que objetivam a desmecanização física e intelectual de seus seguidores, e a democratização do teatro. Segundo suas ideias, pode-se entender que a linguagem teatral é a própria linguagem humana, que é usada por todas as pessoas no cotidiano. Segundo esse pressuposto, é possível afirmar que qualquer pessoa pode fazer Teatro do Oprimido.

Nossa tomada de posição teórica e nossas ações concretas devem acontecer não porque sejamos artistas, mas porque somos cidadãos. Fôssemos veterinários, dentistas, pedreiros, filósofos, bailarinos, professores, jogadores de futebol ou lutadores de judô – qualquer que seja a nossa profissão – temos a obrigação cidadã de nos colocarmos ao lado dos humilhados e ofendidos. (BOAL, 2008, p. 29)

Com a publicação do livro, constatou-se que o método do teatro do oprimido não parou de crescer, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Esse é um tipo de teatro em que a arte é usada como instrumento político para reflexão e transformação social e não apenas da arte pela arte. As técnicas mais utilizadas no teatro do oprimido são: teatro fórum, teatro invisível, teatro jornal e o teatro imagem, que foi o utilizado na oficina que resultou neste TCC.

¹⁰ Disponível em

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=conceitos_biografia&cd_verbete=616. Acesso em 14/11/2012

No teatro imagem, dispensamos o uso da palavra – a qual, no entanto, reverenciamos! – para que possamos desenvolver outras formas perceptivas. Usamos o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores, que nos obrigam a ampliar a nossa visão *sinalética* – onde significantes e significados são indissociáveis, como o sorriso da alegria do rosto, ou as lágrimas da tristeza do pranto – e não apenas a linguagem *simbólica* das palavras dissociadas das realidades concretas e sensíveis, e que a ela apenas se refere pelo som e pelo traço. (BOAL, 2008, p. 18)

De acordo o Professor Lindomar¹¹, Boal morreu aos 78 anos, no Rio de Janeiro, depois de influenciar significativamente o teatro brasileiro e até mundial com inovações realizadas ao longo de 50 anos de atividades com uma nova maneira de pensar e fazer teatro.

¹¹ Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/teatro-interativo/>, por Professor Lindomar. Acesso em 14/11/2012

CAPÍTULO 2: O CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Cruzeiro do Sul, a Capital do Juruá¹²

Para contextualizar melhor o tema deste trabalho, faz-se necessário expor um pequeno histórico sobre a cidade onde foi desenvolvido o projeto que deu origem a este TCC, Cruzeiro do Sul, que fica localizada na parte oeste do Acre. Atualmente, é a segunda maior cidade do Estado, considerada a capital do Vale do Juruá, área que envolve os municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Walter. Cruzeiro do Sul é um dos pólos turísticos e econômicos do Estado. Tem seus encantos para mostrar, tais como: igarapés, rios e a vegetação selvagem da floresta. Além disso, é cercada por construções e monumentos que simbolizam e guardam a história e a grandeza do seu povo.

Distante cerca de 710 quilômetros da capital, Rio Branco, a cidade é ligada por rodovia, através da BR- 364, que ainda não está totalmente concluída, mas conta com um moderno Aeroporto Internacional que realiza voos regulares.

Segundo o censo do IBGE de 2008, a atual população de Cruzeiro do Sul é de 86.392 mil habitantes. É formada principalmente por descendentes de índio e pelos nordestinos que vieram à região em grande número no início do século XX para a extração da borracha.

A economia da região gira em torno da exploração da madeira e da farinha, que é considerada o principal produto da atividade econômica local.

Com o desenvolvimento do município, a educação expandiu-se e a Secretaria de Estado de Educação vem procurando melhorar o Sistema Educacional dessa cidade e cumprir com as metas de melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Procurando proporcionar uma formação em sintonia com a realidade do aluno e às necessidades do desenvolvimento local.

¹² Adaptado de <http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=1033>. Acesso em 14/11/2012

2.2 Projeto Vida Nova, o Locus da Pesquisa



Foto 1: Entrada da instituição

O Projeto Vida Nova, trata-se de uma instituição de prevenção, proteção e recuperação, para adolescente feminino em situação de exploração sexual, violência sexual, drogas, violência familiar, com idade entre 12 e 20 anos, sendo que até este momento só tem até 16 anos. Todas elas estão frequentando a Escola, entre o 1º e o 9º ano.



Foto 2: Área de lazer

Está localizada na Estrada Velha do Aeroporto, nº 1995, Bairro Nova Olinda – CEP: 69980-00, a mesma não tem nenhum endereço eletrônico, mas tem o número do telefone que podemos obter mais informações, (68) 9977-1485 ou (68) 9977-1702.

Esta Instituição faz parte da Fundação Assistencial e Educacional Betel e Petrobrás; conta também com vários outros parceiros. É coordenada por Milka Oliveira dos Santos e a

Psicóloga Mirian Cacela de Souza. O trabalho beneficente vem sendo desenvolvido há dois anos no Município de Cruzeiro do Sul, atendendo também os outros município, seringais e ramais do Vale do Juruá.



Foto 3: Sede e salão da instituição

O lugar é acolhedor, um pouco afastado do centro da cidade, uma ótima infraestrutura, (como se pode ver nas fotos), jardins, hortas, piscina, local para as adolescentes fazerem suas oficinas (corte e costura, artesanato, entre outras atividades) casa (moradias das adolescentes) refeitórios com salão, ou seja, é uma Instituição que foi projetada especialmente para atender todas as necessidades delas.

No Projeto Vida Nova acontecem várias oficinas, projetos, palestras, seminários, conferências e também capacitação da equipe que trabalham na Instituição.

CAPÍTULO 3: A PESQUISA EM AÇÃO

3.1 O Mendigo ou o Cachorro Morto¹³

Segundo o ensaio do cientista político Edélcio Vigna, intitulado “O Mendigo ou O Cachorro Morto: um grito de alerta!”, a peça foi escrita por Bertolt Brecht após a Primeira Guerra Mundial, entre 1919 e 1920, época em que a Alemanha passou sua maior crise econômica, perdeu colônias, teve que pagar indenização aos vencedores, enfim, teve várias penalidades. Fato histórico que afetou diretamente a vida das pessoas e repercutiu em diversas partes do mundo.

Foi nesse contexto histórico que Brecht escreveu essa peça, com o intuito de alerta para a sociedade, não só local, mas também mundial, visto que esta se tornou conhecida mundialmente. O conhecimento da época em que o autor estava vivendo é importante para uma melhor compreensão da obra. Sem isso, seu real valor não seria notado, perderia sua mensagem e função, que é a relação do autor com o contexto da época e lugar em que se passa. Por isso, para que as adolescentes absorvessem bem o contexto da estória, foi dada uma breve explicação sobre o dramaturgo e a relação com a época em que a obra foi escrita.

A peça conta a estória de um imperador que chega vitorioso de uma guerra e se depara com um mendigo cego sentado na porta de seu palácio. O imperador por sua vez quer humilhar o mendigo e é surpreendido pela ousadia e a sabedoria das suas respostas, defendendo-se de toda humilhação com verdades que o imperador nunca imaginava ouvir. Com isso o imperador não consegue fazer nada com ele, pelo simples fato de ele ter coragem para falar coisas que ninguém ousava dizer para um imperador. E segue seu caminho sabendo que quem saiu humilhado foi ele e ainda perdeu tempo. Já o mendigo continua sozinho com seus pensamentos solitários. Pode-se dizer que é o retrato do opressor versus o oprimido, no qual o opressor, na pessoa do imperador, é surpreendido com a força do argumento do mendigo que mostra inteligência e ousadia e é poupado de morrer: E quem se sente humilhado é o opressor.

A escolha desse texto deve-se ao fato de ele ser uma obra que gera bastante questionamento, cada um interpretando-o de acordo com sua vivência e sua visão. Ele

¹³ Disponível em <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=9572&cat=Ensaios&vinda=S>. Acesso em 14/11/2012

provoca interesse, toca o espírito humano, mexendo com as emoções, levando a identificações com os personagens. Esse tipo de obra tem grande aceitação pelas pessoas, principalmente quando a mensagem toca em sua realidade, ainda mais se essa realidade não for das mais favorecidas.

Então, pode haver várias interpretações da peça, indo de acordo com a visão de cada um. Considerando sempre o contexto têmporo-espacial em que foi escrito o texto, além da cultura, da vivência do autor, que poderia estar visando à expectativa do que poderia acontecer no futuro. Ou então a visão do opressor versus o oprimido. Onde o opressor é o imperador que chega vitorioso de sua guerra e encontra o mendigo sentado a sua porta, que seria o oprimido. Assim, além de trazer a figura da classe dominante (imperador) e da classe dominada (mendigo), a mensagem dessa obra, que embora tenha sido escrita no século passado, pode ser facilmente trazida para a realidade contemporânea.

Para o mendigo a perda de seu cachorro era mais importante do que a vitória do imperador, por isso ele concluiu que os sinos badalavam para anunciar a morte de seu cachorro. Entretanto, o mendigo por ser cego não sabia que estava falando com o imperador, por isso não se poderia achar que havia ironia em suas palavras. Somente um personagem sabia a identidade do outro, o Imperador.

São várias histórias contadas pelo mendigo, e em cada uma havia uma intenção e mistérios escondidos atrás de cada personagem. Entretanto, o que torna interessante estudar essa peça, são os significados misteriosos que envolvem a obra e que as classes populares os usam para chamar atenção para a solução de algum problema vivenciado. Enfim, é a obra dramática sendo usada para mostrar que o oprimido pode e deve buscar solução para seus problemas através da inteligência e ousadia.

3.2 A Oficina de Leitura Dramática



Figura 4 - Início das apresentações: colegas de turma, a psicóloga, a coordenadora, as meninas do Projeto e Ivaneide Frota, autora deste trabalho

O interesse em trabalhar a leitura dramática teve início no Estágio Supervisionado 3, durante o estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Comandante Braz de Aguiar, no qual foi aplicada uma oficina de bonecos de manipulação para adolescentes da 7ª série. Diante da dificuldade que eles tinham com a leitura do texto para a apresentação com os bonecos, surgiu a ideia de trabalhar a leitura do texto. Assim, foi percebido um avanço na habilidade de leitura dessa turma, com resultados bastante relevantes, e com a sugestão de Ricardo Gutti, o tutor da Disciplina, ficou decidido trabalhar no estágio 4 a Leitura Dramática como ferramenta para ajudar nas aulas de português.

O Estágio Supervisionado 4, deveria acontecer em uma instituição social. Primeiramente, aconteceram visitas à Instituição, antes de aplicar a oficina, com o intuito de observar o comportamento e as atitudes das educandas. O que se via eram apenas simples garotas inseguras, fechadas, tímidas, sem perspectiva nenhuma, algumas não queriam nem se envolver nas atividades desenvolvidas pela instituição.

E aquela oficina, que a princípio tinha o intuito apenas de ajudá-las na leitura, foi completamente modificada para, além de ajudar na leitura, contribuísse para a desinibição. Houve também a intenção de ajudá-las na mudança de atitudes, levando-as a ter autonomia e também a fazer com que elas refletissem e tomassem consciência sobre as opressões que sofrem e que muitas também não viessem a se tornar opressoras, através da conscientização de seu papel na sociedade. É o teatro assumindo sua função proposta nas ideias de Brecht, em

seu Pequeno Organon¹⁴:

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico das relações humanas (o contexto em que as ações se realizem), mas, sim, que empregue suscite pensamentos e sentimentos que desempenhem um papel na modificação desse contexto. (BRECHT, 2005, p.115)

As participantes da instituição são adolescentes que sofreram violência familiar e sexual e também usuárias de drogas. Ficou perceptível que o interesse surgiu a partir do momento em que foi apresentado o tema. Durante a dinâmica do exercício do teatro do oprimido (teatro imagem), começaram a se soltar mais. Para Brecht, citado por Boal, “não existe “natureza humana” e, portanto, ninguém é o que é por si! É necessário buscar as causas que fazem com que cada um seja o que é.” (BOAL, 2008, p. 153).

A partir dessa problemática, reforça-se a proposta desta oficina, que é discutir e experimentar a leitura dramática como possível ferramenta social para ajudar os oprimidos, ajudando-os em suas dificuldades e carências. Pois a vivência de momentos de descontração, através de atividades recreativas pode favorecer a uma mudança de atitude perante os problemas enfrentados, assim teve início a oficina.



Foto 5: No camarim com as educandas

¹⁴ Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/68907305/BRECHT-Bertolt-Estudios-Sobre-Teatro>. Acesso em 20/11/2012

A oficina teve início no dia 28 de abril de 2012 durante a Disciplina Estágio Supervisionado 04, sob a orientação do Professor Dimas Caltagironi. Com duração de 12 semanas, com atividades que duravam 03 horas por semana, ocorrendo todos os sábados. Houve modificações no plano inicial de trabalho, pois o texto que até então serviria para uma simples leitura, foi substituída pelo texto de Bertolt Brecht “O mendigo ou o cachorro morto”, que ajudaria na reflexão de oprimido e opressor. Vale lembrar que o texto inicial seria “Simplesmente Shirley”, de Claudio Simões, que contém bastante humor, como a maioria das peças desse autor, então, para uma melhor contextualização, resolveu-se trabalhar com Brecht e suas peças, que são bem mais provocantes, desperta mais interesse, questionamentos e reflexões, através dos temas que as peças abordam. Também foi inserido um exercício do teatro do oprimido (teatro imagem – mais especificado no plano de aula em anexo) para ajudar nesse processo. Por se tratar de uma instituição de proteção à adolescente em situação de risco social, foram encontradas dificuldades para trabalhar. Assim, para não haver discórdia, optou-se por um grupo pequeno, apenas 06 meninas. As fotos só podiam ser tiradas da apresentação final e de longe para preservar a identidade das participantes.



Foto 6: Encenação da peça.

Desde o principio, as adolescentes foram informadas de que a oficina seria uma proposta de ajudá-las a desenvolver a capacidade de cada uma através do teatro, ajudando-as a repensarem seus próprios comportamentos, favorecendo na relação entre o grupo e estimulando-as a terem o pensamento crítico diante da sociedade, ou seja, uma tomada de consciência de seus gostos, de seus valores. Além disso, elas foram informadas de que o teatro poderia auxiliá-las na forma de se expressar, de se posicionar, de expor o que não gostavam, e que vissem o teatro como um meio de reinserção social.

Inicialmente, foi aplicada a parte teórica, ou seja, contextualizando, preparando para o fazer. “Porque não basta que o jovem apenas pense sobre a opressão. Ele precisa agir! Ele precisa assumir seu papel no mundo, ver a ação e colocar-se dentro dela, adotando o lugar de todas as pessoas”. (SEVERO, Felipe. “Um Teatro para Libertação”)¹⁵



Foto 7: Encenação

No decorrer da oficina foi perceptível a evolução das educandas, Foram alcançados grandes avanços, observados durante as leituras (ensaios), Durante a participação no jogo aplicado, foi observado que, através de cenas do cotidiano das participantes, que dramatizavam a opressão que elas passaram, transparecia a vontade de mudar sua realidade. Elas se expressavam através de atitudes, de gestos¹⁶ que o jogo induzia. Percebia-se essa vontade de mudança, de transformação na vida de cada uma. E também no final de cada encontro, na roda de conversas, ou seja, um momento de conversa informal, de avaliação, de opiniões sobre a oficina. Nessas ocasiões, elas ficavam à vontade para se expressar, assim também no resultado final, que foi a apresentação e nas realizações de outras atividades

¹⁵ Disponível em <http://www.revistaovies.com/reportagens/2011/06/um-teatro-para-libertacao> Acesso em 04.05.2012

¹⁶ Brecht, em “Estudos sobre teatro”, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/68907305/BRECHT-Bertolt-Estudos-Sobre-Teatro>, acesso em 10/09/2012, nos diz, na esfera do gesto, que este se refere às atitudes que as personagens assumem em relação umas às outras. A posição do corpo, a entoação e a expressão fisionômica são determinadas por um gesto social; as personagens injuriam-se mutuamente, cumprimenta-se, instruem-se mutuamente, etc. [...] Por “gesto social” deve entender-se a expressão mímica e conceitual das relações sociais que se verificam entre os homens de uma determinada época”. (Esse assunto não foi inserido na oficina com aprofundamento teórico, mas foi trabalhado por meio do jogo, a importância do gesto, pois através deles eu pode-se observar o emocional, o que elas realmente estavam sentindo, a vontade de transformação que cada uma queria ao se manifestar através do jogo).

desenvolvidas pela Instituição. Além disso, foi observado que a dificuldade da leitura diminuiu bastante.

Em cada história contada pelo mendigo há uma intenção, assim como há várias passagens no texto que falam da questão da opressão, da distinção de classes, de poder, etc. Diante dos comentários delas, “Esse mendigo ‘representa nós’, o povo mais humilde, quando queremos falar a verdade para os homens que tem o poder”. (depoimento de Maria). “Ele só está falando a verdade, pois o imperador, não é mais do que ele, só por ser poderoso, ninguém pode humilhar as pessoas”. (Marta). “Eu também teria agido assim, como o mendigo” (Gabriela). Assim, era observado o efeito da peça. Na prática, estava ajudando-as a se impor, ter voz ativa, ter outros pensamentos; levando-as à reflexão, à crítica diante de pessoas que as oprimiam. Mais uma vez é oportuno mencionar Brecht e o Pequeno Organon, que esclarece:

[...] embora o teatro não deva ser importunado com toda a sorte de temas de ordem cultural que não lhe confirmam um caráter recreativo, tem plena liberdade de se recrear com o ensino ou com a investigação [...] mas de forma que se possam tornar objetos de fruição os conhecimentos, os sentimentos e os impulsos que aqueles que dentre nós são os mais emotivos, os mais sábios e os mais ativos, extraem dos acontecimentos do dia-a-dia e do século. É nosso propósito recreá-los com a sabedoria que advém da solução dos problemas, com a ira em que se pode proveitosamente transformar a compaixão pelos oprimidos, com o respeito pelo amor de tudo o que é humano, ou seja, pelo filantrópico [...] (BRECHT, 2005, p. 109)

Após a oficina, ao retornar da instituição, surgiam alguns questionamentos, que serviam de subsídios para novas reflexões do trabalho: E se o mendigo soubesse que estava falando com o imperador, ele teria coragem de falar todas aquelas verdades? Será que o mendigo não sabia mesmo que estava falando com uma autoridade? Ou será que ele estaria aproveitando sua deficiência (cegueira) para poder falar tudo que queria? Todos esses pensamentos surgiam no decorrer do dia, no silêncio da noite, ou em qualquer circunstância ou cena do cotidiano que era presenciada e que lembrava o mendigo e o imperador.

Houve também um dia do encontro que foi perguntado às educandas se elas se identificavam com as cenas, algumas responderam que sim. Mas como não se podia falar sobre o passado das meninas¹⁷ buscava-se outros questionamentos que as levassem a se

¹⁷ Segundo a coordenadora e psicóloga, fica proibido quaisquer perguntas que se refiram ao passado das educandas, para que não haja constrangimentos

expressar de outra forma, que não fosse falar do passado, e sim das atitudes que elas fariam se estivessem no papel do mendigo, por exemplo.

Embora houvesse o ensaio com todas as 06 adolescentes, fazendo a leitura do texto, debatendo, apenas três delas se apresentaram, as outras se disponibilizaram a arrumar os figurinos e objetos que compunham o cenário. Marta, Maria e Joana foram as que se destacaram, inclusive foram elas que se apresentaram para o público.



Foto 8: Encenação

A seguir, detalhe das atividades:

- Jogo do teatro do oprimido foi aplicado (teatro imagem), o qual busca ensaiar uma transformação da realidade através da imagem corporal. Serviu para avaliar a prontidão das alunas e observar casos em que o estímulo e a colaboração eram necessários, pois algumas eram muito tímidas, além de observar também a vontade e a disponibilidade para a oficina. A estratégia do jogo, usando a imagem congelada de um determinado momento ou expressão (cenas criadas entre o grupo) foi usada como ponto de partida para levá-las a uma reflexão sobre a opressão que sofrem.
- Contextualização da peça “O mendigo ou o cachorro morto” de Bertolt Brecht, (época em que o autor escreveu a peça, o contexto social, etc.);
- Leitura do texto dramático individualmente (primeiro contato com texto);
- Leitura do texto dramático livre (leitura entre elas);
- Leitura dramática do texto – elaboração da encenação (envolve a divisão e elaboração de personagens, figurinos, cenários, ensaios, etc.);

- Ao término de cada atividade foi proposto que elas expressassem as sensações que tiveram com a leitura do texto, dizendo o que gostaram, o que não gostaram, tecendo críticas etc.
- Produção e encenação com o texto lido.
- As educandas encenaram o texto para as demais colegas do projeto e também para as crianças do Abrigo Lar Novo Dia. Embora não estivessem participando da oficina, ao levar as outras crianças a assistir à peça lida pode-se dizer que, de alguma forma, foi possível estimular também o pensamento delas. “Esta forma de teatro- imagem é, sem duvida, uma das mais estimulantes, por ser tão fácil de praticar e por sua extraordinária capacidade de tornar visível o pensamento.” (BOAL 2008, p. 208)

É importante mencionar que, tanto os jogos como a leitura, se vêm com temas interessantes e de interesse dos adolescentes, do seu cotidiano, podem levar a melhores resultados, ou seja, eles podem induzir à tomada de decisões.

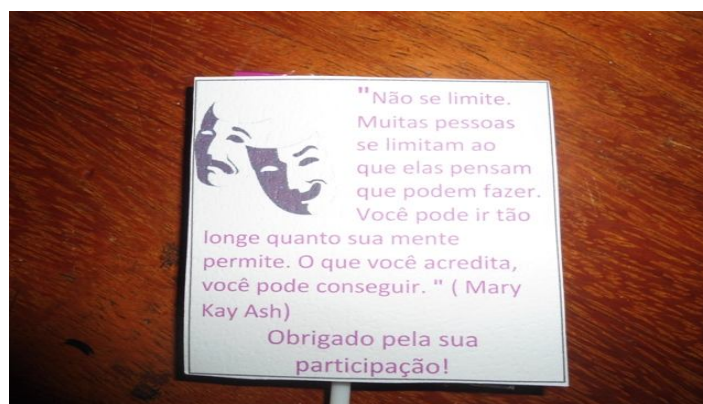


Foto 9: Lembrancinha da oficina



Foto 10: Confraternização de encerramento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como proposta inicial apresentar uma hipótese inovadora de pesquisa para o contexto de Cruzeiro do Sul: verificar o impacto da leitura dramática na vida dos adolescentes que sofrem com a opressão.

Ele traz as constatações de uma pesquisa realizada na Instituição Projeto Vida Nova, uma instituição de prevenção, proteção e recuperação, para adolescente feminino em situação de exploração e violência sexual, drogas, violência familiar, todas com idade entre 12 e 20 anos.

A princípio, a oficina tinha o intuito apenas de ajudá-las na leitura, entretanto, foi modificada para, além de ajudar na leitura, contribuísse com a desinibição. Houve também a intenção de ajudá-las na mudança de atitudes, levando-as a ter autonomia e também fazer com que refletissem e tomassem consciência sobre as opressões sofridas, conscientizando-as de seu papel na sociedade.

Pode-se dizer que foram alcançados grandes avanços no decorrer da oficina, bem como no resultado final, que foi a apresentação e principalmente após a oficina, na realização de outras atividades desenvolvidas pela Instituição.

Após a realização da oficina, foi observado que as participantes adquiriram muito mais facilidade na realização de outras atividades que lhes são propostas na Instituição, inclusive são os próprios participantes que propõem algumas das atividades por se sentirem mais seguros para realizá-las. (Mirian Cacela de Souza, psicóloga da Instituição Projeto Vida Nova) (questionário de pesquisa preenchido pela psicóloga, disponível nos anexos.)

Além disso, foi observado que a dificuldade da leitura diminuiu bastante no decorrer da oficina.

A psicóloga que acompanhou a realização do projeto ressaltou em suas palavras de agradecimento no resultado final da apresentação das meninas, afirma: “houve um avanço muito grande nas atitudes de autoconfiança e autonomia por parte das meninas”. Ficou perceptível que todo o esforço valeu à pena. A contribuição para a auto-estima das

adolescentes foi significativa, deixando de serem passivas, para se posicionarem de forma crítica e com atitude.

Com a participação das educandas na oficina de Leitura Dramática observou-se que talentos foram revelados ali, que até as mesmas não sabiam quem tinham; a partir daquela participação, adolescentes tímidas, ficaram mais participativas e com idéias de apresentações com mais frequência e mais segurança no linguajar e presença de palco ao público. (Damaris Pereira V. Silva, Coordenadora Interna do Projeto Vida Nova, vide questionário anexo).

Infelizmente, não foram todas que manifestaram esse comportamento, tendo em vista os dados do questionário que foi aplicado: das 06 educandas, em apenas 03 delas foi alcançado o objetivo = 50%, então, pode-se dizer que foi satisfatório, mas é possível que com a realização de novos trabalhos e oficinas nessa instituição os bons resultados possam atingir a todas. A partir dessa experiência é plausível afirmar que o teatro pode ajudar essas adolescentes a uma mudança de atitudes e consigam obter avanços significativos para sua vida. Essa ideia é compartilhada pela psicóloga, quando afirma que “observamos que a aprendizagem através da representação teatral pode acelerar esse processo, pois possibilita a vivência de histórias parecidas com o cotidiano do público atendido [...] oferecendo respostas a questionamentos da vida real.”

Dessa forma, é imprescindível que se planeje com regularidade trabalhos que usem o teatro como conscientização nessa fase de adolescência, pois é um período em que a pessoa vivencia momentos importantes e decisivos para o seu desenvolvimento social, pois sabe-se que essa é uma fase marcada pela reavaliação de valores, normas e regras que farão parte do repertório comportamental adulto. De acordo com a psicóloga:

Esta oficina contribuiu para o resgate e fortalecimento da auto-estima dos participantes, que com a devida orientação do facilitador, foram capazes de aprimorarem sua forma de se expressar verbal e corporalmente, minimizando a timidez que é uma característica comum ao nosso público, através da valorização das particularidades de cada um. (Mirian Cacela de Souza)

De acordo com tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que a leitura dramática,

baseada nas ideias do texto “O Mendigo ou o Cachorro Morto”, de Bertolt Brecht e no “Teatro do Oprimido”, de Augusto Boal, é um instrumento auxiliar importante, exercendo uma função social que visa a levar o sujeito à reflexão. Melhores resultados serão obtidos com a continuação e aprimoramento desta oficina, que futuramente poderá evoluir para um trabalho de Pós-Graduação e, quem sabe, uma dissertação de mestrado e doutorado. Espera-se que outros trabalhos dessa natureza possam ser aplicados nas instituições de proteção, ruas, praças, casa de recuperação, sala de aula; o lugar pouco importa, importante mesmo são os jovens que precisam de ajuda e os mecanismos teatrais disponibilizados.

É interessante que se busque sempre planejar formas que auxiliem nas aulas, usando mais jogos e exercícios do teatro do oprimido, tais como, teatro jornal, teatro fórum, entre outros, trabalhando a leitura de textos dramáticos e literários que estejam voltados para essa intenção de rever o contexto social, de transformação da sociedade, etc. Tudo isso possibilita a ampliação do universo cultural, ajudando esses jovens a terem uma vida social mais ativa. Esse é um compromisso que deve ser de todos que escolheram a profissão de educar através das artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto, Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Civilização Brasileira. - Rio de Janeiro, 2008.

BRECHT, B. Estudos sobre teatro. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/68907305/BRECHT-Bertolt-Estudos-Sobre-Teatro>. Acesso em 10/09/2012

BRECHT, Bertolt: Peça “O mendigo ou o cachorro morto”. Disponível em <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=9572&cat=Ensaio&vinda=S>. Acesso em 10/04/2012

BORNHEIM, Gerd Alberto. Brecht: a estética do teatro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

CABRAL, Beatriz: Drama como Método de Ensino – Editora Hucitec, São Paulo, 2006.

CALZAVARA, Rosemari Bendlin: Encenar e Ensinar – O Texto Dramático na Escola - R.cient./FAP, Curitiba, v.4, n.2 p.149-154, jul./dez. 2009

Cruzeiro do Sul, município do Acre. Disponível em <http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=1033>. Acesso em 14/11/2012

Enciclopédia Itaú Cultural. Teatro do Oprimido. Disponível em http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=conceitos_biografia&cd_verbete=616. Acesso em 14/11/2012

FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2005

FREIRE, Paulo: Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa – Paz e Terra, São Paulo, 2008

LINDOMAR professor, Teatro Interativo. Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/teatro-interativo/>. Acesso em 29/09/2012

LOBO, Luiz Fernando, 1997, Quem é o Sr. Bertolt Brecht? Disponível em <http://www.multy.com/homem/bertolt.htm>. Acesso em 29/09/2012

PAVIS, Patrice, 1947 - Dicionário de teatro / tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3.ed- São Paulo: Perspectiva, 2007

SEVERO, Felipe. Um Teatro para libertação. Disponível em <http://www.revistaovies.com/reportagens/2011/06/um-teatro-para-libertacao>. Acesso em 14/11/2012

Teatro Épico. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$teatro-epico](http://www.infopedia.pt/$teatro-epico)>. Acesso em 27/11/2012

VIGNA, Edélcio, O Mendigo ou O Cachorro Morto: um grito de alerta! Disponível em

<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=9572&cat=Ensaio&vinda=S>. Acesso em 14/11/2012

ANEXOS

O mendigo ou o cachorro morto

Bertolt Brecht

Um portão. À direita, sentado, um mendigo, pálido, roupas esfarrapadas. Segura um realejo, escondido na roupa. É de manha, bem cedo. Um tiro de canhão soa. Entra o Imperador, cercado de soldados. Seus cabelos são longos e sua cabeça está descoberta. Usa roupa de lã. Os sinos tocam.

IMPERADOR – No momento em que vou celebrar meu triunfo sobre o meu mais importante inimigo, quando o país mistura meu nome com o fumo negro do incenso, há um mendigo sentado diante da minha porta, fedendo a miséria. Mas, com tantos acontecimentos importantes, pode-se conversar sobre o Nada. Os soldados retrocedem. Homem, você sabe por que os sinos dobram?

MENDIGO – Sim. Meu cachorro morreu.

IMPERADOR – Isso foi uma insolência?

MENDIGO – Não. Foi por velhice. Mas agüentou bem. Pensava eu: por que as suas patas tremem? Ele tinha apoiado as da frente no meu peito, e ficamos deitados assim a noite toda, mesmo quando começou a esfriar. Mas, de madrugada, ele já estava morto e eu o afastei de mim. Agora não posso voltar para casa, porque ele está apodrecendo, cheirando mal.

IMPERADOR – Por que você não o enterra?

MENDIGO – Não é da sua conta. Agora você tem o peito oco como um buraco de esgoto, pois dez uma pergunta tola. Todos fazem perguntas tolas. Perguntar já é bobagem!

IMPERADOR – Mas mesmo assim vou continuar perguntando: quem cuida de você? Porque se não há ninguém que o cuide, vai ter que ir embora, aqui não se admite carne podre nem gritos.

MENDIGO – estou gritando?

IMPERADOR – agora é você quem está perguntando, embora com um certo sarcasmo que não entendo.

MENDIGO – sim, isso eu não sei, pois se trata de mim.

IMPERADOR – não faço caso de você. Mas quem cuida de você?

MENDIGO – de vez em quando, um menino, que um anjo fez na sua mãe enquanto ela colhia batatas.

IMPERADOR – você não tem filhos?

MENDIGO – foram embora.

IMPERADOR – como o exército do Imperador Ta Li, que as areias do deserto engoliram?

MENDIGO – ele atravessava o deserto e seus homens falaram: é muito longe, volta, Ta Li. E ele respondia: esta terra precisa ser conquistada. Marchavam diariamente até gastar os sapatos, então sua pele rachou e continuaram marchando de joelhos. Uma vez um tufão derrubou um cavalo. Ele morreu diante dos olhos de todos, uma vez chegaram a um oásis e disseram: é assim a nossa pátria. Aí o filho do Imperador caiu numa cisterna e se afogou. Guardaram sete dias de luto, a dor que sentiam era infinita. Uma vez viram os cavalos morrerem. Uma vez as mulheres não puderam mais segui-los. Uma vez chegaram o vento e a areia, e a areia cobriu todos, e então tudo terminou, e voltou o silêncio, e a terra foi deles, e eu esqueci o nome dele.

IMPERADOR – como é que você sabe disso? Está tudo errado. Foi bem diferente.

MENDIGO – quando ele era tão forte que eu parecia seu filho, fugi, porque não permito que me dominem.

IMPERADOR – de que você está falando?

MENDIGO – passavam nuvens perto da meia-noite apareceram estrelas. Depois, tudo foi silêncio.

IMPERADOR – As nuvens fazem barulho?

MENDIGO – é verdade que morreu muita gente nas cabanas perto do rio que transbordou semana passada, mas não conseguiram atravessar.

IMPERADOR – já que sabe tudo isso, você nunca dorme?

MENDIGO – Quando me deito em cima das pedras, a criança que acabou de nascer chora. E então sopra um vento novo.

IMPERADOR – Ontem à noite o céu estava estrelado, ninguém morreu perto do rio, não nasceu criança alguma, não soprava vento.

MENDIGO – então você deve ser cego, surdo e ignorante. Ou é maldade sua.
Pausa

IMPERADOR – O que você faz o tempo todo? Nunca vi você. De que ovo saíste?

MENDIGO – Percebi que este ano o milho está ruim, porque não choveu. Um vento escuro e quente sopra nos campos.

IMPERADOR – é verdade, o milho não está bom.

MENDIGO – assim aconteceu há 38 anos. O milho torrou no sol e, antes que morresse, caiu uma chuva tão forte que apareceram ratos e devastaram os campos. Depois entraram nos povoados e mordeceram as pessoas. Este alimento matou os ratos.

IMPERADOR – Nunca soube nada disso. Deve ser também invenção, como o resto. A história não fala nada disso.

MENDIGO – Não existe história.

IMPERADOR – E Alexandre? E César? E Napoleão?

MENDIGO – Histórias! Quem é esse tal de Napoleão?

IMPERADOR – Aquele que conquistou metade do mundo e sucumbiu pela própria soberba.

MENDIGO – Isso é coisa que só dois podem crer: ele e o mundo. É falso. A verdade é que Napoleão era um homem que remava numa galera e tinha uma cabeça tão grande que todos diziam: não podemos remar porque sobra muito pouco espaço para os nossos cotovelos. Quando o barco afundou, porque não remavam, ele encheu a cabeça de ar e se salvou, só ele, e como estava acorrentado teve que continuar remando, lá de baixo, não via para onde e que todos tinham se afogado. Então, pensando no mundo, abanou a cabeça e, como era muito pesada, ela se despreendeu.

IMPERADOR – essa é a maior tolice que escutei na vida. Você me decepcionou muito com essa história. As outras pelo menos estavam bem contadas. Mas que opinião tem você do imperador?

MENDIGO – Não existe Imperador. Só o povo pensa que existe um, e só um único homem pensa que é Imperador. Quando tiverem construído bastantes carros de guerra e os tambores estiverem treinados, haverá guerra e vão procurar um adversário.

IMPERADOR – Mas agora o Imperador derrotou seu adversário.

MENDIGO – Matou, não derrotou. O idiota matou o idiota.

IMPERADOR – com esforço – Era um inimigo forte, acredite.

MENDIGO – Um homem bota pedrinhas no meu arroz. É esse meu inimigo. Ele se vangloria porque tinha a mão forte. Mas morreu de câncer e quando fecharam o caixão, a mão dele ficou presa e não perceberam quando levaram o caixão, de modo que a mão ficou pendurada, vazia, desamparada, nua.

IMPERADOR – Você nunca se aborrece de ficar deitado?

MENDIGO – Antes as nuvens passavam no céu, sem parar. É a elas que contemplo. Não param nunca.

IMPERADOR – Agora não há nuvens. Portanto estás delirando. Isso é claro como o sol.

MENDIGO – O sol não existe.

IMPERADOR – Você talvez seja até perigoso, paranóico ou louco furioso.

MENDIGO – Era um cachorro bom, não um cachorro qualquer. Merecia o melhor. Até me trazia carne, e à noite dormia no meio dos meus trapos. Uma vez houve uma grande gritaria na cidade, todo mundo tinha algo contra mim, porque não dou nada de importante a ninguém, e até os soldados vieram atrás de mim. Mas o cachorro afugentou todos.

IMPERADOR – Por que me conta isso?

MENDIGO – Porque acho você burro.

IMPERADOR – Que mais pensa de mim?

MENDIGO – Tem uma voz fraca, portanto é medroso; pergunta demais, portanto é lacaio; procura me preparar armadilhas, portanto não está seguro de si, nem nas coisas mais seguras; você não acredita em mim mas fica me escutando, portanto é um homem fraco; e por vim pensa que o mundo toda gira em torno de você, quando há pessoas muito mais importantes, eu por exemplo. Além disso, você é cego, surdo e ignorante. Os outros defeitos, não conheço ainda.

IMPERADOR – Não é um quadro muito animador. Não vê nenhuma virtude em mim?

MENDIGO – Você fala em voz baixa, portanto é humilde; pergunta muito, portanto tem ânsia de saber; examina tudo, portanto é cético; escuta o que imagina ser mentira, portanto é indulgente; acredita que tudo gira em torno de você, portanto não é pior que os outros homens e sua crença não é mais tola que a dos outros. Além disso, ver demasiado não o confundiu; não se preocupa com o que não lhe interessa; não está paralisado pelo saber. As outras virtudes, você deve saber melhor que eu e qualquer outro.

IMPERADOR – Você é espirituoso.

MENDIGO – Toda adulação merece pagamento. Mas agora não vou pagar nada pelo meu pagamento.

IMPERADOR – Eu pago todos os serviços que me fazem.

MENDIGO – Isso está claro. O fato de esperar aprovação revela a sua alma comum.

IMPERADOR – Não guardo nenhum rancor de você. Isso também é comum.

IMENDIGO – É. Porque você não pode me fazer mal.

IMPERADOR – Posso mandar jogar você num calabouço.

MENDIGO – É fresco lá?

IMPERADOR – O sol não entra nunca.

Mendigo – Sol não existe. Você deve ter memória ruim.

IMPERADOR – Também posso mandar matar você.

MENDIGO – Então já não vai chover na minha cabeça, os insetos vão embora, meu estômago vai me deixar em paz e haverá o maior silêncio que já conheci. *Um mensageiro entra e fala em voz baixa com o imperador.*

IMPERADOR – diga que não me demoro. (Sai o mensageiro). Não vou te fazer nada disso. Pondero as coisas que faço.

MENDIGO – Não diga isso a ninguém, senão vão tirar conclusões observando teus atos.

IMPERADOR – Não creio que me desprezem.

MENDIGO – Diante de mim todos se curvam. Mas isso não me impressiona. Só os insistentes me incomodam com suas conversas e perguntas.

IMPERADOR – Incomodo-te?

MENDIGO – essa é a pergunta mais boba que você fez hoje. Você não tem vergonha. Não respeita a intangibilidade de um ser humano. Não conhece a solidão, por isso procura a aprovação de um desconhecido como eu. Você depende do respeito de cada homem.

IMPERADOR – Eu domino os homens. Por isso me respeitam.

MENDIGO – A rédea também pensa que domina o cavalo, o bico da andorinha pensa que orienta seu vôo e a ponta da palmeira pensa que arrasta a árvore em direção ao céu!

IMPERADOR – Você é um homem mau. Eu o faria eliminar, se depois não tivesse que pensar que foi minha vaidade ferida.

O mendigo apanha o realejo e toca. Um homem passa rapidamente e faz uma reverência.

MENDIGO – *guardando o realejo* – Esse homem tem uma mulher que rouba dele. À noite ela se inclina sobre ele para lhe tirar dinheiro. Às vezes ele acorda e a vê inclinada sobre ele. Entoa pensa que ela o ama tanto, que não pode passar uma noite sem o contemplar. Por isso perdoa os pequenos roubos que descobre.

IMPERADOR – Vai começar outra vez. Nem uma palavra disso é verdade.

MENDIGO – Pode ir. Você está ficando vulgar.

IMPERADOR – É inacreditável. *O Mendigo toca o realejo*. Terminou a audiência?

MENDIGO – Agora todos vêm outra vez o céu mais bonito e a terra mais fértil, por causa desse pouquinho de música, e prolongam sua vida e perdoam a si mesmos e a seus vizinhos, por esse pouquinho de som.

IMPERADOR – Diga-me, pelo menos, por que não me suporta, mas me contou tanta coisa?

MENDIGO displicente – Porque você não foi orgulhoso demais para escutar minha conversa, única coisa que eu precisava para esquecer a morte do meu cachorro.

IMPERADOR – Agora vou embora. Você estragou o dia mais belo da minha vida. Não devia ter parado. Piedade não leva a nada. a única coisa que vale em você é a coragem de falar comigo nesses termos. E foi por isso que fiz todos esperarem. *Parte, escoltado pelos soldados. Novamente tocam os sinos.*

MENDIGO percebe-se que é cego – Agora ele foi embora. Deve ser de manhã, pois o ar está tão quente. O garoto hoje não vem. Há festa na cidade. Aquele idiota também foi para lá. Agora tenho que pensar outra vez no meu cachorro.

Plano de Trabalho da oficina

TEMA: A leitura dramática como ferramenta de transformação social para o oprimido

PUBLICO ALVO: Adolescentes em situação de risco social

DADOS DA INSTITUIÇÃO: Projeto Vida Nova, uma instituição de prevenção, proteção e recuperação, para adolescente femininos de 12 a 20 anos em situação de exploração e violência sexual, drogas, violência familiar.

OBJETIVO: Tem-se como objetivo fazer com que, através do exercício da Leitura Dramática, as educandas possam tomar consciência de suas opressões, ajudando-as a entenderem que podem mudar sua realidade e incluindo-se novamente no meio social. Também objetiva-se ajudá-las a resolver o problema da inibição, da integração com o grupo, a buscarem autonomia, a serem mais críticas, além de aprimorar a leitura, a compreensão de textos e proporcionar uma nova visão do mundo.

Metodologia: Serão trabalhados, primeiramente, exercícios do teatro do oprimido, de Augusto Boal – (teatro imagem), transformando questões, problemas e sentimentos em imagens concretas. A partir da leitura da linguagem corporal, elas irão representar a sua realidade, demonstrando que podem mudá-la como queiram, ampliando assim suas possibilidades de expressão e compreensão do mundo, visando à transformação social. Também será feita a leitura dramática do texto “O mendigo ou o cachorro morto” de Bertolt Brecht para que elas desenvolvam a imaginação, a reflexão, a criatividade (figurino), a timidez, a integração com o grupo, o senso crítico, estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido.

REFERENCIAL TEÓRICO: Os referenciais básicos são de Augusto Boal e Bertolt Brecht.

CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO:

- Em todas as aulas, os primeiros 15 minutos são destinados à reflexão dos alunos através de mensagens de auto-estima, exercícios que levem à concentração na aula, e conscientização da proposta da aula. As mensagens de auto-estima e relaxamento serão transmitidas por um aparelho de som.

1ª semana:

- Apresentações
- Explicação do plano de trabalho
- Breve levantamento dos conhecimentos prévios das adolescentes sobre o teatro (Vocês já ouviram falar sobre isso? Já Participaram?).

2ª semana:

- Breve síntese sobre o teatro do oprimido, (surgimento, autor, para quem é destinado e etc.).
- Aplicação do exercício do teatro do oprimido (teatro imagem), que busca ensaiar uma transformação da realidade através da imagem corporal.

3ª semana:

- **Definição de Leitura Dramática** – teoria. (texto redigido sobre conceitos de leitura dramática).

4ª semana:

- Contextualização da peça “O mendigo ou o cachorro morto”, de Bertolt Brecht, com informações sobre a época em que o autor escreveu a peça, o contexto social, etc.;

5ª semana:

- Resumo das aulas anteriores sobre a contextualização da peça e conceitos de leitura dramática.
- Início do trabalho da leitura dramática da peça “O mendigo ou o cachorro morto”, de Bertolt Brecht. (O texto lido para elas, porque certamente teriam dificuldade de ler sozinhas e também para que, durante a leitura, houvesse o despertar da reflexão, da imaginação, das perguntas, dos comentários, bem como a compreensão do texto e a tomada de consciência).

6ª semana:

- Oportunidade às alunas de analisarem o texto, de composição de personagens, das cenas,

figurinos permitindo a interação delas com o texto.

7ª semana:

- Intensificação do exercício da leitura dramática, ajudando-as e estimulando-as à desinibição, à pronúncia de palavras, interrompendo-as quando necessário, já que a má pronúncia, normalmente, é apenas o resultado de maus hábitos de fala. Para estes problemas, o melhor remédio é a interrupção e imitação dos sons corretos.

8ª semana:

- Continuidade dos ensaios que têm como objetivo ajudar no modo de se expressão da autonomia, da desinibição e também de problemas com a leitura.

9ª semana:

- Continuação das leituras/ensaios que têm como objetivo ajudar na forma de expressão, autonomia, desinibição e também na leitura.

10ª semana:

- Continuidade às leituras/ensaios, com o objetivo de ajudá-las na forma de se expressar, de buscar autonomia, e também de melhorar a leitura.

11ª semana:

- Continuação das leituras/ensaios que tem como objetivo ajudar a educandas na forma de se expressar, de buscar autonomia, de sair da inibição e também melhorar a leitura. (Serão feitas observações e anotações dos avanços).

12ª semana:

- Última semana: Destinada à apresentação, (trabalha-se um exercício de alongamento e aquecimento corporal e vocal antes de se apresentarem).
- Produção e encenação do Texto “O mendigo ou o cachorro morto”, de Bertolt Brecht, para o público.

OBS: Em todas as aulas, no final, haverá momentos de reflexão sobre as dificuldades

enfrentadas, também no que se pode melhorar. Também será discutido se a turma está gostando ou não, sobre as sensações que tiveram com a leitura do texto, as emoções, preferências, comparações, manifestação de suas opiniões, seja em situação referida ao texto, ou em relação à sua própria história para manter o interesse e garantir o objetivo proposto.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

Texto dramático “O mendigo ou o cachorro morto”, de Bertolt Brecht

Texto digitado referente às teorias

Espaço físico

Exercício do Teatro do Oprimido (teatro - imagem)

Figurinos

AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita através do desempenho, participação e colaboração durante todo o decorrer das atividades.

Questionário 1 respondido pela educanda

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A AVALIAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA APLICADA NO PROJETO VIDA NOVA

(Perguntas direcionadas as Educandas da Instituição)

IMPORTANTE

1. A forma de resposta consiste em assinalar com (X) quantas alternativas forem pertinentes
2. Sempre que considerar necessário acrescente comentários adicionais.
3. Procure responder a todos os itens evitando deixar respostas em branco.
4. Sugiro que sejam lidas todas as alternativas de cada questão antes de serem respondidas.
5. O questionário é anônimo, sua identidade não será revelada.
6. Responda com sinceridade. Sua resposta é importante para a efetivação desta pesquisa.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

1 – O que você achou da oficina?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

2 - Durante a oficina o que você achou dos métodos aplicados?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

3 – Durante a oficina colocamos em pauta as discussões do texto e do exercício que tiveram como objetivo desenvolver o senso crítico, desenvoltura, autonomia, reflexão e etc. Estas afirmações corresponderam as suas expectativas?

- Sim
 Não

Se a resposta for NÃO,
justifique:

4 – De que forma a oficina lhe ajudou no seu modo de pensar e agir?

Eu gostei muito, porque isso me ajudou a me desenvolver, a agir mais rápido, aprender mais sobre o teatro, que isso tirou a minha timidez e etc...

5 – Com a aplicação da oficina, qual o aprendizado que você leva pro seu dia a dia?

O aprendizado que ~~eu~~ levo é que eu consigo me desenvolver muito bem falando com as pessoas, me comporto bem, mudou muito o meu jeito de falar. através desse teatro várias coisas.

Questionário 2 respondido pela educanda:

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A AVALIAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA APLICADA NO PROJETO VIDA NOVA

(Perguntas direcionadas as Educandas da Instituição)

IMPORTANTE

1. A forma de resposta consiste em assinalar com (X) quantas alternativas forem pertinentes.
2. Sempre que considerar necessário acrescente comentários adicionais.
3. Procure responder a todos os itens evitando deixar respostas em branco.
4. Sugiro que sejam lidas todas as alternativas de cada questão antes de serem respondidas.
5. O questionário é anônimo, sua identidade não será revelada.
6. Responda com sinceridade. Sua resposta é importante para a efetivação desta pesquisa.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

1 – O que você achou da oficina?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

2 - Durante a oficina o que você achou dos métodos aplicados?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

3 – Durante a oficina colocamos em pauta as discussões do texto e do exercício que tiveram como objetivo desenvolver o senso crítico, desenvoltura, autonomia, reflexão e etc. Estas afirmações corresponderam as suas expectativas?

- Sim
 Não

Se a resposta for NÃO,
justifique: _____

4 – De que forma a oficina lhe ajudou no seu modo de pensar e agir?

*Eu me senti mais capaz mas
 porque eu era muito tímida
 eu mesmo fui mais capaz mas
 mas no meu modo de agir: fui muito Bom*

5 – Com a aplicação da oficina, qual o aprendizado que você leva pro seu dia a dia?

*eu aprendi mas muito mais.
 eu não rapia de nada
 era oficina: me ajudou
 eu era muito conpatada era muito Bom.*

Questionário 3 respondido pela educanda:

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A AVALIAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA APLICADA NO PROJETO VIDA NOVA

(Perguntas direcionadas as Educandas da Instituição)

IMPORTANTE

1. A forma de resposta consiste em assinalar com (X) quantas alternativas forem pertinentes
2. Sempre que considerar necessário acrescente comentários adicionais.
3. Procure responder a todos os itens evitando deixar respostas em branco.
4. Sugiro que sejam lidas todas as alternativas de cada questão antes de serem respondidas.
5. O questionário é anônimo, sua identidade não será revelada.
6. Responda com sinceridade. Sua resposta é importante para a efetivação desta pesquisa.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

1 – O que você achou da oficina?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

2 - Durante a oficina o que você achou dos métodos aplicados?

- Bom
 Muito Bom
 Excelente
 Rasoável

3 – Durante a oficina colocamos em pauta as discussões do texto e do exercício que tiveram como objetivo desenvolver o senso crítico, desenvoltura, autonomia, reflexão e etc. Estas afirmações corresponderam as suas expectativas?

- Sim
 Não

Se a resposta for NÃO,
justifique:

4 – De que forma a oficina lhe ajudou no seu modo de pensar e agir?

*ela me ajudou a me soltar mais me
ajudou pra ficar menos tímida, me ajudou a
fazer um teatro bem relaxada.*

5 – Com a aplicação da oficina, qual o aprendizado que você leva pro seu dia a dia?

*eu lvo pro meu dia-dia a facilidade
que eu pude ter pelo meu comportamento
na educação inteligência foi o que eu
aprendi e o que lvo no dia-dia.
e é a minha aprendizagem.*

Questionário respondido pela Coordenadora Interna:

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A AVALIAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA
APLICADA NO PROJETO VIDA NOVA**

(Pergunta direcionada a ^{COORDENADORA} ~~psicóloga~~ da Instituição)

Damaris P. Silva
Projeto Vida Nova
Damaris Pereira V. Silva
Coordenadora Interna

Desenvolva um texto a partir das perguntas abaixo:

1 - Como você avalia a oficina de Leitura Dramática? O que você observou no comportamento e no desempenho das educandas após a oficina?

A leitura dramática se concentra na essência do ato teatral: reproduz exclusivamente o texto do dramaturgo sem se preocupar com a cena, tais como sequência de ações, marcação, cronografia, iluminação, indumentária, maquiagem, efeitos sonoros e especiais, elementos que estão integrados e "montados" no espetáculo teatral, e cujo resultado composto;

A leitura dramática representa algo que se pode chamar de "teatro para cego", se considerarmos que às vezes uma leitura pode arranjar tanto, que extrapola o seu espaço e começa a se envolver com o jogo sutil dos aces, da fisionomia do corpo e do gesto; o ator está solitário diante do espectador, mas certamente sempre determinado a construção adequada das imagens.

Esslin faz uma observação interessante quando diz:

O autor e os intérpretes são apenas metade do processo total; a outra metade é composta pela platéia e sua reação. Sem platéia não existe drama. Uma peça que não é encenada é apenas literatura. (ESSLIN, 1978, p. 26)

Com a participação das educandas nas oficinas de leitura dramática observou-se que talentos foram revelados ali, que até mesmo não sabiam que tinham; a partir daquela participação, adolescentes tímidos, ficaram mais participativas e com ideias de apresentações com mais frequência e mais segurança no linguajar e presença de palco ao público.

Questionário respondido pela Psicóloga

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A AVALIAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA APLICADA NO PROJETO VIDA NOVA

Pergunta direcionada a Psicóloga da Instituição

Desenvolva um texto a partir das perguntas abaixo:

- 1 - Como você avalia a oficina de Leitura Dramática?
- 2 - O que você observou no comportamento e no desempenho das educandas após a oficina?

Esta oficina contribuiu para o resgate e fortalecimento da autoestima dos participantes, que com a devida orientação dos facilitadores, foram capazes aprimorarem sua forma de se expressar verbal e corporalmente, minimizando a timidez que é uma característica comum ao nosso público, através da valorização das particularidades de cada um.

Após a realização da oficina, foi observado que os participantes adquiriram muito mais facilidade na realização de outras atividades culturais que lhes são propostas na Instituição, inclusive são os próprios participantes que propõem algumas das atividades por se sentirem mais seguros para realizá-las.

Apesar de nossa Instituição já desenvolver um trabalho de valorização da pessoa humana, buscando resgatar valores esquecidos ou nunca aprendidos, porém fundamentais para uma vida em sociedade e proporcionando qualidade de vida ao nosso público, observamos que a aprendizagem através da representação teatral pode acelerar esse processo, pois possibilita a vivência de histórias parecidas com o cotidiano do público atendido em nossa Instituição, sendo que, vista por um contexto representativo, porém oferecendo respostas a questionamentos da vida real.


Miriam Cláudia de Sousa
Psicóloga
CRP 20401927